

Liquidações não assustam Macedo

São Paulo — O secretário nacional de Política Econômica, Roberto Macedo, afirmou ontem que, caso aconteçam liquidações em dezembro, elas serão muito bem-vindas. "Pode ser uma resposta de quem aumentou os preços por conta de medo de choque e que agora simplesmente não consegue vender", disse Macedo, referindo-se às "liquidações desesperadas" que o diretor da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), Walter Sacca, previu no dia 18. "Sou adepto de liquidações e minha família também é. Se for uma liquidação sadia, tanto melhor. Mas o governo não quer ver ninguém quebrando".

Ao abrir o IX Congresso Brasileiro de Economistas, Macedo criticou a platéia. "Vocês estão muito down, baixo astral. Em Brasília a gente nem tem tempo para isso", ironizou o secretário, lembrando que quando era acadêmico também dava palpites sobre os passos do governo. "O que a gente aprende lá é que tudo é difícil e que sem o apoio da área política não se faz nada". Macedo deixou um recado muito claro: O governo está investindo na reforma fiscal, atrelada aos com-

promisso para assinar o acordo com o FMI, e a política dos juros altos continua porque, entre outras coisas, o governo é o grande tomador de empréstimos do mercado e precisa ocupar um espaço maior do que o setor privado. "Apesar de rimar com economista, ninguém é masoquista", brincou Macedo. Na verdade, Macedo enfatizou as dificuldades que o governo enfrenta com as resistências do Congresso. "Mas isso faz parte da democracia e temos de entender como natural".

Desgosto

comentou a inflação de 27,31% da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) como um desgosto para o governo. "É uma taxa evidentemente alta, nem vamos nos conformar com isto", afirmou o economista. Para ele, a questão da inflação está na resolução do problema fiscal do governo. Macedo lembrou que a reforma tributária enviada ao Congresso faz parte de uma primeira fase do governo. "A segunda fase seria o Emendão, as privatizações, a renegociação da dívida externa e a revisão de algu-

mas tarifas públicas", explicou o secretário, ressaltando ser melhor que tudo isso acontecesse logo no início de 1992, mas que é difícil prever prazos até pela necessidade de reformas constitucionais.

O presidente da ordem dos Economistas de São Paulo, Geraldo Gardenalli, concorda com a necessidade da reforma fiscal, mas para ele o comportamento do governo não está garantindo esperanças. "Estamos numa ponte, uma fase de transição, e nada nos garante que todo esse sacrifício nos leva para algo mais consistente", disse Gardenalli, lembrando que as taxas de inflação podem se desacelerar com a desova de estoques, mas voltarão a subir no momento da reposição. Já o presidente do Conselho Regional de Economia, Carlos Luque, não acredita que o governo esteja no caminho certo. "Política de juros altos pressiona os preços e combate o nível de emprego", disse Luque. "Com recessão não se combate inflação. Estamos tendo a prova com essa inflação com tendência crescente. Pode até desacelerar por conta de sazonalidades, mas depois pode retomar seu ritmo".